

ESTUDOS BIOGRÁFICOS E FILANTROPIA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE PÉROLA BYINGTON

Maria Lucia Mott

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a trajetória de Pérola Byington, diretora-geral da Cruzada Pró-Infância, entidade fundada em São Paulo em 1930. Chamamos a atenção para a contribuição que sua biografia traz para o conhecimento de temas pouco explorados pela historiografia brasileira, a saber: a participação das mulheres nas entidades filantrópicas e o papel que as entidades tiveram na prestação de serviços à população mais pobre. A pesquisa baseou-se na documentação levantada no arquivo da Cruzada Pró-Infância, referente ao período 1930-1963.

Palavras-chave: Pérola Byington; filantropia; biografia.

A contribuição da biografia para o conhecimento histórico

Em setembro de 1963, com 83 anos, dona Pérola, como era conhecida, foi sozinha aos Estados Unidos para conhecer os bisnetos. Um acidente na porta giratória do hotel a obrigou a fazer uma operação de urgência, morrendo de infecção poucos dias depois. O corpo foi velado em sua residência, na avenida Paulista, cidade de São Paulo. A caminho do cemitério, o cortejo parou em frente ao Hospital Cruzada Pró-Infância, hoje Hospital Pérola Byington, entidade que dirigiu, onde lhe foi prestada uma última homenagem. Na ocasião, Maria Antonie-

ta de Castro, uma das fundadoras da entidade, externou o seu pesar pela perda irreparável sofrida pela infância desamparada. O enterro foi acompanhado por uma multidão de pessoas das mais variadas classes sociais, por autoridades civis, militares, eclesiásticas, além de crianças e pessoas beneficiadas pela Cruzada (SE-PULTADA..., 1963). João Goulart, então presidente da República, externou seu pesar por telegrama. Da mesma forma, Juscelino Kubitschek e várias outras personalidades de destaque no mundo político, cultural e médico-social (*Correspondência recebida, 1963*).

Menotti Del Picchia (1964), na crônica "Saudades de uma Pérola", escrita dois meses depois da morte da diretora-geral da Cruzada, assim a descrevia:

Quantas vezes, em Brasília, no grande salão do Congresso, era vista uma senhora idosa, vestida como uma dona de casa, em nossa companhia e de outros deputados disputando verbas para suas obras de assistência, às quais dedicava grande parte de sua fortuna pessoal. Não tinha para pedir aquela timidez que demonstrava noutros setores de sua vida com seu desamor às pompas do mundo e sua singeleza. Perorava com eloquência de parlamentar ou de um advogado na defesa daquele dinheiro que a Câmara dos Deputados dá aos seus membros no intuito de lhes conferir uma função supletiva nos planos de assistência social.

Hoje, poucas pessoas sabem quem foi Pérola Byington, bem como desconhecem o nome de dezenas de mulheres “vestidas como donas de casa” que tiveram um papel fundamental na criação, organização, administração e manutenção de entidades filantrópicas destinadas à assistência sanitária, médica, social e cultural no Brasil. Este artigo tem por objetivo analisar a trajetória de Pérola Byington (1879-1963) e chamar a atenção para a contribuição que sua biografia traz para o conhecimento de temas pouco explorados pela historiografia brasileira, a saber: a participação das mulheres nas entidades filantrópicas e o papel que tais entidades tiveram na prestação de serviços à população mais pobre.

Os estudos biográficos, em geral, por trabalharem com o detalhe e o por-menor, permitem detalhar aspectos da experiência vivida, matizando afirmações e fugindo de interpretações generalizantes, daí sua importância. Nesse sentido, o levantamento de uma documentação importante sobre a atuação de Pérola Byington, no período em que foi diretora-geral da Cruzada Pró-Infância, permitiu estabelecer um diálogo com alguns estudos que abordam o tema (BESSE,

1999; SCHPUN, 1997; HAHNER, 1990). Enquanto estes vêem a participação da maioria das mulheres nas entidades filantrópicas como um passatempo, uma atividade diletante, menor, exigindo pouco ou nenhum compromisso (BESSE, 1999, p. 171), e/ou, oportunista – como um subterfúgio para sair de casa e ter acesso à esfera pública (BESSE, 1999, p. 172; SCHPUN, 1997, p. 95), um antídoto para uma vida inútil e tediosa (HAHNER, 1990) –, a biografia de Pérola sugere que a filantropia, para muitas mulheres, deve ser pensada, principalmente, como uma forma de exercer a cidadania.¹

Núcleo familiar e formação

Em 1939, por ocasião da inauguração da Casa Maternal da Cruzada Pró-Infância – para acolher mulheres no período da gravidez e no pós-parto – Pérola Byington homenageia a mãe, dando o nome de Mary Ellis MacIntyre ao abrigo. No discurso, refere-se aos esforços que ela fez para educar as filhas, “uma mãe que deu de si para as suas filhas, foi mãe, mestra e chefe de família na falta de nosso pai” (CRUZADA..., 1940). Quando a própria Pérola foi homenageada ao completar 80 anos de idade, novamente reporta-se à mãe.

Mary Ellis MacIntyre foi uma mulher empreendedora e presença constante na vida de Pérola, mesmo em atividades realizadas fora do âmbito familiar. Foi professora de renome, dona de colégio, e teve uma banca de flores no largo do Arouche, na cidade de São Paulo. Ainda quando recém-casada, com três filhas pequenas, foi professora do Colégio Piracicabano, em Piracicaba (SP), funda-

do por presbiterianos do sul dos Estados Unidos, escola que se destacava no cenário educacional paulista do final do Império. O ensino era voltado, sobretudo, para o sexo feminino, as matérias científicas eram ensinadas de forma bastante avançada para a época. Entre o corpo docente verifica-se o nome de Mlle. Rennotte, professora belga que, ao longo da vida, tornou-se amiga da família e fonte de inspiração para Pérola, pelas campanhas desenvolvidas junto à Cruz Vermelha Brasileira, em São Paulo (BYINGTON, s/d; BYINGTON, 2001).

A vinda da família de Pérola para o Brasil está relacionada à Guerra de Secessão nos Estados Unidos. A mãe nasceu no Mississipi (EUA) e veio ainda menina para a casa do avô Henry Strong, que havia imigrado anos antes e se estabelecido como fazendeiro em Santa Bárbara, cidade no interior de São Paulo. Pelo menos por duas gerações as moças da família se casaram com imigrantes norte-americanos. Mary com o colega Robert MacIntyre, que conheceu no Colégio Internacional de Campinas, fundado por presbiterianos do sul dos Estados Unidos e, Pérola, com Albert Byington.

No final dos anos 1890, Mary MacIntyre transferiu seu colégio para São Paulo, o que possibilitou o acesso das filhas à Escola Normal Caetano de Campos. Ao se formar, em 1900, aos 21 anos, Pérola foi convidada pelo diretor da Escola Normal para ser preceptora das filhas de Cândido Franco de Lacerda, na fazenda Paraíso, em São Carlos do Pinhal (BARRETO, 1900). Não aceitou a proposta de trabalho, pois estava noiva de Albert Byington, engenheiro prático do ramo da eletrificação, que levou luz elétrica para várias cidades do interior de São Paulo,

conhecido como “o americano maluco” que comprava água corrente e que tornou-se o primeiro “motorneiro” de bonde elétrico de Campinas (SP), quando a cidade substituiu os de tração animal (*Carta deixada por Elizabeth Byington Manning, s.d., s.l.*; ALGUÉM..., 1968).

A ascensão econômica e social do casal Byington foi rápida, devida, dentre outros motivos, à expansão do consumo de eletricidade no estado de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Em 7/7/1901, o jornal *O 15 de Novembro*, de Sorocaba, anunciava a chegada dos recém-casados à cidade na Capital, “a ilustrada normalista Pérola E. MacIntyre e A. J. Byington, empresário da iluminação elétrica desta cidade (CONSÓRCIO..., 1901)”. Por volta de 1907, Pérola, que já estivera nos Estados Unidos visitando a família do marido, informa numa carta ao tio:

Em março vai fazer dois anos que estamos em Campinas [...]. Mr. Byington é superintendente e maior acionista da Companhia de gás aqui. Também possui uma usina elétrica que supre esta cidade e Itatiba de força e luz. Ainda tem a sua loja Byington & Cia. em São Paulo para a venda de material elétrico. Divide o seu tempo entre aqui, Cachoeira, Itatiba e São Paulo. Nossa casa é grande e confortável com lindo jardim a volta, uma horta, pomar e estábulo. Temos carro, cavalo e charrete [...]. (BYINGTON, 1907).

No final dos anos 20, já moravam na avenida Paulista. O filho do casal, Albert Jackson Byington Jr., formado em Harvard, chefe da delegação brasileira nas Olimpíadas de Paris em 1924, casou-se, em 1930, com Elisa de Arruda Botelho, irmã de Candido Botelho, seu colega na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, e neta do conde do Pinhal, ou

seja, da mesma família que havia convidado Pérola para trabalhar como preceptora!

O início da Cruzada

São Paulo, nos anos 20, era uma cidade de contrastes. Se, por um lado, o desenvolvimento agrícola, industrial e comercial fez com que a cidade conhecesse um surto de desenvolvimento e as campanhas de vacinação e saneamento reduziram a mortalidade, as desigualdades econômicas e sociais acentuaram-se no período. As condições de trabalho, inclusive das mulheres e crianças, bem como as de moradia e infra-estrutura urbana nos bairros mais pobres continuavam péssimas e o atendimento médico-hospitalar precário. As taxas de mortalidade, sobretudo infantil, permaneciam altíssimas devido a doenças infecto-contagiosas, como tifo, diarreia, pneumonia e tuberculose (RIBEIRO, 1993, p. 223-268).

Homens e mulheres educados das camadas médias e das elites passaram a denunciar esse desperdício de vidas para a nação. Dentro do espírito populacionista e eugenista da época, acreditavam que o Brasil precisava preencher os espaços vazios, que o número de habitantes significava maior número de trabalhadores, que o governo deveria investir mais na saúde da população e na melhoria "da raça", do que na imigração, e que o futuro da nação dependia de uma prole sadia, ou seja, da quantidade, como também da qualidade física, moral e educacional de seu povo. Para tanto, era necessário combater as principais causas apontadas como responsáveis pela mortalidade infantil: a ignorância e a miséria.

A Cruzada Pró-Infância surgiu justamente nesse contexto. Pérola Byington e Maria Antonieta de Castro entraram em contato para unir forças numa campanha de combate à mortalidade infantil. Numa entrevista, ao ser perguntada sobre o início da Cruzada, Pérola Byington respondeu:

Fui procurada pelo Dr. Waldomiro de Oliveira, então diretor do serviço sanitário, em 1930, por me interessar pelo problema da mortalidade infantil, que muito o preocupava. Tive a idéia de formar uma comissão de senhoras em São Paulo, para estudar a situação. Pediu-me ele que entrasse em contato com as Educadoras Sanitárias, que já tinham, na sua Associação, uma comissão interessada nesse assunto. Procurada por Maria Antonieta de Castro e D. Mary Junqueira fui convidada para colaborar na comissão (*Entrevista cedida por Pérola Byington, s/d*).

Em um artigo publicado na *Folha de S. Paulo*, em 2/12/1968, Maria Antonieta de Castro dizia:

Em 1930, existia a Associação de Educadoras Sanitárias [...] [fomos] à casa de Dona Pérola [...] para obter um donativo. Tivemos a grande surpresa: Dona Pérola sugeriu imediatamente uma campanha em prol da criança. Foi aí que a Associação lançou o célebre apelo à população, depois do qual nascia a Cruzada Pró-Infância. (ALGUÉM..., 1968)

Exmas. Sras.: Milhares de crianças morrem todos os dias, em todos os lugares, em todos os países. A mortalidade infantil constitui um problema que não é nosso porque é universal. Combatê-la é um dever que se impõe à consideração de todos que se interessam pelo futuro da raça. Defender a criança – essa flor de carne e de inocência, promessa e esperança do porvir, cujo corpo imaculado encerra os germens de um destino –, defendê-la com todo nosso amor, com toda nossa compaixão, com toda nossa in-

teligência contra os males que a ameaçam – a miséria, a ignorância, a enfermidade – é uma obrigação moral. A Associação de Educação Sanitária que tem em seu programa a proteção à criança desde em antes de seu nascimento, lança, pois, um apelo às nobres paulistanas, no sentido de ser organizada uma grande Comissão de Combate à Mortalidade Infantil Pró-Infância com o fim de congregar esforços em prol desse movimento [...] (*Ata*, 12/8/1930).

A Associação de Educação Sanitária foi fundada em 12 de abril de 1930 por um grupo de Educadoras Sanitárias. Era uma associação que, além dos objetivos específicos de defesa dos interesses da própria classe, tinha como proposta apoiar as iniciativas que tivessem por fim a defesa da saúde pública e a proteção à criança e à gestante. No dia 24 de maio do mesmo ano, Maria Antonieta de Castro afirma que “sentindo a necessidade de dar maior amplitude a uma obra de tal vulto” lançou o apelo às senhoras paulistanas, acima transcrito. Segundo ela, o apelo “encontrou, desde logo, franco e decidido apoio da Sra. Pérola Byington que, compreendendo o alcance de tal movimento, não teve dúvidas em dar-lhe a maior amplitude [...]”.

O grupo inicial foi composto por Madalena Sampaio de Oliveira e Maria Conceição Cardoso de Mello, que num espaço de poucos meses reuniu 100 (cem) senhoras (*Ata*, 12/8/1930). Em 12 de agosto de 1930, fundaram a entidade, dirigida e administrada exclusivamente por mulheres, sendo que várias entre elas possuíam um perfil próximo do das fundadoras: pertenciam às camadas médias e elites, tinham experiência em trabalho voluntário e/ou formação profissional.² Pérola Byington foi, então, escolhida diretora-geral, cargo que exerceu até 1963.

Pérola Byington e Maria Antonieta de Castro tiveram um papel fundamental na organização inicial da entidade, bem como no estabelecimento das suas metas. Pérola Byington trouxe a experiência adquirida junto à Cruz Vermelha americana e brasileira, a boa relação com as elites, os recursos financeiros da família e passou a se dedicar de corpo e alma à administração, realizando um trabalho diuturno por mais de 30 anos. Maria Antonieta de Castro, aluna do primeiro curso de Educadoras Sanitárias, trouxe o apoio e experiência adquirida junto ao Instituto de Higiene e ao grupo de sanitaristas liderados por Geraldo de Paula Souza e Waldomiro de Oliveira.³

Geraldo de Paula Souza foi diretor do Serviço de Saúde Pública do Estado (SP) entre 1922 e 1925. Médico sanitário, ex-bolsista da fundação Rockefeller, na John Hopkins University, em Baltimore, professor da cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, diretor do Instituto de Higiene (SP), tinha um programa de reforma sanitária que previa, entre outras medidas, a educação sanitária, a criação de postos de saúde, a formação de profissionais especializados em assuntos de higiene para atuarem na área de educação sanitária, no combate às verminoses e às endemias locais, e no combate à mortalidade infantil.⁴ Para o médico, era necessário implementar entre a população a idéia de profilaxia, mais do que a de cura. Nesse sentido a educação era vista como a base da ação sanitária. Paula Souza preconizava a substituição da força coercitiva da polícia sanitária pela formação da consciência sanitária através da popularização dos preceitos de higiene. Essa ação, essa missão, seria realizada pelos professores públicos formados pelo cur-

so de Educação Sanitária, no Instituto de Higiene.

O curso foi criado em 1925. Era destinado a professores públicos do estado e tinha por objetivo difundir conhecimentos teóricos e práticos de higiene, formando uma consciência preventiva na população, além de cooperar em campanhas profiláticas (combate à peste bubônica, à febre amarela, aos mosquitos etc.).⁵ Os profissionais – melhor dizendo as profissionais, pois, embora destinado aos dois sexos, o curso foi freqüentado sobretudo pelo sexo feminino – atuavam em postos de saúde, em escolas, nas fábricas e nos domicílios. Os principais alvos eram as crianças em idade escolar e as mães. As crianças, pois se acreditava que aquilo que foi aprendido na infância sobre higiene não desaparecia na idade adulta; e as mães, porque eram consideradas as principais responsáveis pela mortalidade infantil, devido à ignorância dos cuidados necessários à primeira infância.

O programa de ação da Cruzada visava inicialmente complementar a atuação das Educadoras Sanitárias. Vale lembrar que, por cerca de seis meses, a entidade funcionou “sob os auspícios”, ou seja, estava vinculada à Associação de Educação Sanitária, passando a ter personalidade jurídica autônoma em 22 de janeiro de 1931.

Cumpre-me, como presidente da Associação de Educação Sanitária, dizer-vos ao que estamos aqui. Todos sabem quanto é pesado o tributo que a população que nasce paga à morte. E isso apesar dos progressos sanitários, apesar dos esforços dos poderes dirigentes. Se bem que a sua proporção tenha diminuído de 176,43 em 1925 para 159,07 em 1929 (coeficiente por 1.000 nascimentos). A mortalidade infantil é elevada aqui como nos demais países. E, no entanto, aí estão os Centros de Saúde empenhan-

do sua ação benéfica para combatê-la. Assim é que através de suas Educadoras Sanitárias tem a Inspetoria feito tudo quanto está em sua alçada para que maiores benefícios resultem em prol da saúde da criança, não só através de seu bem organizado serviço de Assistência Sanitária por meio de médicos especializados, como por meio das Educadoras que nos Centros de Saúde, nas Escolas, nos Lares levam a palavra consciente, implantando em cada mente o ideal da saúde. Uma barreira, entretanto, se opõe muitas vezes aos seus trabalhos. De que vale, por exemplo, dizer à mãe que dê a seu filho a vida que é seu próprio leite, se este lhe falta porque falta a ela mesma um pedaço de pão que lhe mate a fome? Como é possível dizer-lhe que dê a seu filho doses largas de ar puro e luz do sol se este não encontra nos cortiços miseráveis uma nesga de parede por onde passe cantando sua alegria domada e vá pregar retângulos de luz pelos soalhos, pelas paredes? Faltava um trabalho largo de Assistência Social para completar o trabalho benéfico da Educadora. (Ata, 12/8/1930).

Para alcançar tais objetivos, a Comissão Organizadora propôs um programa que previa a criação de um Dispensário Central para onde seriam levados os casos observados pelas Educadoras Sanitárias, nos Postos de Saúde, como por pessoas e associações idôneas. “Dentro do possível” seria fornecido à gestante apoio moral e material, assistência médica sanitária e hospitalar, trabalho adequado, garantia de assistência no parto, em domicílio, quando não fosse possível internação em maternidade, e amparo aos filhos durante o tempo que a gestante estivesse afastada do lar. Em relação à nutriz, propunha-se fornecer meios para que pudesse amamentar os filhos. E quanto às crianças, deveria fornecer roupas, agasalhos, enxovais, remédios e alimentos, meios de assistência sanitária, médica e hospitalar, tratamento para as pobres e desamparadas em

instituições adequadas, e meios de prevenção de doenças contagiosas, através do internamento em instituições específicas (*Relatório dos trabalhos realizados de 12/8/1930 a 3/5/1933*).

Previa ainda a criação de uma Casa Maternal para abrigar mulheres durante a gravidez e no pós-parto e os filhos das gestantes durante a permanência na casa. Previa uma série de outras atividades de longo alcance, tais como manter intercâmbio com as demais instituições existentes nacionais e internacionais, velar pela fiel execução das leis protetoras da gestante e da criança, junto a estabelecimentos fabris, oficinas de trabalho etc., pleitear junto aos poderes constituídos a obtenção de leis favoráveis à gestante e à criança; reunir a mais larga documentação possível do Movimento de Combate à Mortalidade Infantil no país e no estrangeiro, de modo a auxiliar a Associação de Educação Sanitária a tornar-se um centro de informações e consulta sobre o assunto.

Visando levantar a opinião pública em torno do problema das crianças, divulgar as propostas, aumentar o número de sócios e os recursos financeiros, a Comissão Organizadora da Cruzada planejou a comemoração do "Dia da Criança" (12 de outubro), que, posteriormente, foi ampliado para a "Semana da Criança", comemorada durante sete dias no mês de outubro.

Ao iniciar as atividades, Pérola contou com o trabalho voluntário das sócias e mobilizou todos que pudessem ajudar – estudantes, professores, empresários, autoridades políticas e religiosas, nacionais e estrangeiras. A entidade não tinha sede fixa, as reuniões eram realizadas em diferentes lugares tais como a casa de

Pérola Byington, a sala de conferências da Inspetoria de Educação Sanitária, a sede da Associação de Educadoras Sanitárias, e os serviços prestados eram bastante pragmáticos, no sentido de resolver os problemas que iam surgindo.

Pouco a pouco, a Cruzada foi-se estruturando, e Pérola Byington levou a entidade para sua casa.⁶ Lá, não só eram realizadas as reuniões da diretoria e as sessões semanais de costura para confecção de enxovais, como também eram atendidas as pessoas que procuravam auxílio e recebidas aquelas interessadas na nova associação. Foi realizada uma intensa campanha para inscrição de sócios e obtenção de colaborações diversas. Foram expedidos mais de 1.000 ofícios e publicadas cerca de 50 notícias em jornais, realizados chás e bailes beneficentes, recebidas doações em dinheiro e gêneros que somaram 24:648\$700, entre 12 de agosto e 31 de dezembro de 1930 (*Relatório, 1930*).

Nesses primeiros cinco meses, as atividades da Cruzada tinham o objetivo de ajudar individualmente algumas associações filantrópicas, famílias e pessoas: a Cruzada forneceu medicamentos, providenciou o internamento de gestantes em maternidade e o auxílio domiciliar a parturientes. Providenciou também aluguel de casa e gêneros alimentícios, internamento de crianças em asilos e distribuiu enxovais, tendo auxiliado 37 famílias e 121 crianças. Desempenhava uma função assistencialista e funcionava como uma espécie de agência de empregos, no sentido de encaminhar desempregados para o trabalho, e clínica de aconselhamento familiar (*Relatório, 1930*).

Mesmo não tendo conseguido realizar a Semana da Criança e sendo obri-

gada a suspender as atividades por algum tempo, devido à Revolução de 1930, a Cruzada conseguiu tal mobilização nesse período, que se desvinculou da Associação de Educação Sanitária. Maria Antonieta de Castro registrou em ata que o desenvolvimento rápido pediu a separação, "a fim de que uma Associação não servisse de peias a outra. Além disso, no terreno jurídico, tal medida se impunha para maior segurança em face da lei" (*Ata, 8/1/1931*).

Pérola Byington diante da Cruzada

Embora as Educadoras Sanitárias em geral e Maria Antonieta de Castro, em particular, continuassem como presença constante na Cruzada, a administração e os rumos da entidade foram paulatinamente centralizando-se nas mãos de Pérola Byington. Se as duas atuaram freqüentemente em sintonia, havia áreas de interesse diversificadas. Os cursos de puericultura, a escola da saúde, os parques infantis eram, sobretudo, da alçada de Maria Antonieta, uma continuidade daquilo que fazia como educadora sanitária. Já a Casa Maternal, o Lactário (Banco de Leite), a defesa do salário maternidade, a educação sexual, a criação de uma polícia feminina e, sobretudo, a construção de um hospital infantil eram propostas defendidas por Pérola Byington, cujas fontes de informações e inspiração estavam, em parte, na Cruz Vermelha americana e brasileira, através de cursos realizados e viagens feitas aos Estados Unidos, onde visitou diferentes entidades filantrópicas e órgãos governamentais, como o Children's Bureau, em Washington.⁷

Em maio de 1931, a entidade finalmente passou a ter uma sede e inaugurou o dispensário, na rua Madalena, nº 58, onde iniciou a assistência médica, social e sanitária a crianças de zero a seis anos e o atendimento a gestantes. Neste local, passou a funcionar uma Cozinha Dietética para a distribuição de leite e preparados às crianças matriculadas no serviço de higiene infantil, e, para que se ensinasse às mães como preparar mamadeiras. Parte do leite era fornecido, gratuitamente, pela fazenda Itahiê, da família Byington.

Com o intuito de manter a qualidade dos serviços e servir de modelo para outras entidades, exigências feitas ao longo da administração de Pérola, foram convocados profissionais de renome, tais como Dr. Jorge de Moraes Barros Filho, Dr. Edgard Braga, Dr. Lorchi, Dr. Cardoso de Mello e o Dr. Whitaker.

Nesse mesmo ano, a Cruzada iniciou uma parceria com o poder público. Segundo observação feita pela diretoria da Cruzada, a cidade de São Paulo não tinha "campos de brinquedos" para as crianças. Entrou, então, em contato com o diretor de Higiene e Educação Sanitária Escolar e sugeriu um melhor aproveitamento do *playground* do Parque D. Pedro II. A proposta elaborada por Maria Antonieta de Castro foi aceita, e o prefeito Anhaia de Melo cedeu as instalações à Cruzada, que elaborou um plano para um Centro de Cultura Física Infantil.

A Escola da Saúde, como ficou então conhecida, destinava-se a crianças com problemas de desenvolvimento físico (desnutridas, fracas etc.) e pode ser considerada uma das precursoras dos parques infantis criados anos mais tarde

pela Prefeitura Municipal. As crianças eram selecionadas pelas educadoras sanitárias e pelo médico, submetidas a exames médicos e de laboratório, recebiam tratamento clínico, um regime especial de exercícios físicos, banhos de sol, alimentação adequada e aprendiam princípios básicos de higiene.⁸

As propostas da Cruzada – pleitear pelo estabelecimento de leis, criar programas e serviços de proteção à infância e à maternidade e tornar-se um centro de produção de conhecimento – não foram esquecidas. Em junho de 1931, Pérola Byington, como representante da Cruzada Pró-Infância, foi ao Rio de Janeiro a fim de participar do II Congresso Internacional Feminista, organizado pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Na Comissão de Proteção à Infância e Maternidade, ela apresentou dois trabalhos escritos por Maria Antonieta de Castro, *Pró-Infância e Recreios Infantis*, e fez quatro recomendações: a) que fosse feito um apelo às mulheres brasileiras para se dedicarem à proteção e defesa da criança; b) que as associações educativas e sociais colaborassem na realização da Semana da Criança, no mês de outubro; c) que fosse criado um seguro contra doença e invalidez e taxas especiais para obtenção de fundos para uma defesa da criança e da saúde pública; e d) que fosse estabelecido um salário mínimo (MOTT, 2001).

Tendo sido discutida no Congresso a organização da Polícia Feminina no Brasil, Pérola trouxe a discussão para São Paulo, visando implantar o mesmo serviço na cidade. Solicitou que as duas policiais femininas inglesas que lá estiveram, fizessem uma conferência na capital, para a qual convidou várias autoridades. Vale

lembrar que a organização da polícia feminina foi um tema que preocupou a diretora-geral da Cruzada durante vários anos. Ainda em 1935, ela defendia a idéia pelos jornais (MOTT, 2001).

Em 1931, foi realizada pela primeira vez a Semana da Criança. A mobilização em torno do evento aponta para uma das características marcantes da entidade por várias décadas: o uso eficiente dos veículos de comunicação (imprensa, rádio, cinema) para divulgação das suas propostas. A entidade elaborou um manifesto convocando as autoridades governamentais, a imprensa e a população em geral para participarem na Semana e recebeu apoio de diferentes pessoas, centros e associações, representantes do governo, de diversas cidades dos diferentes estados do país, de tal forma que a comemoração não se restringiu apenas à cidade de São Paulo, mas ocorreu, simultaneamente, em diversos lugares, alguns distantes como, por exemplo, o Ceará (*Relatório Semana da Criança, 1931*).

Para cada dia da semana, entre 12 e 18 de outubro, foi elaborado um programa para a capital paulista, que ficou sob a direção de uma sócia.⁹

Dia 12 – Dia da Raça – destinava-se a lembrar a cada um que Nação forte é aquela que tem filhos fortes.

Dia 13 – dia do Lactante – milhares de crianças morrem entre 0 e 1 ano a mais das vezes pela falta de observância das noções mais elementares de Puericultura.

Dia 14 – Dia da Criança Asilada – os asilos, dando abrigo a milhares de crianças, devem merecer simpatia do público

Dia 15 – Dia da Criança Hospitalizada – muitas moléstias são evitáveis. A criança

doente o é, muitas vezes, por descuido, ignorância, pobreza.

Dia 16 – Dia da Criança que estuda – cada criança que aprende a ler é o pequeno operário que trabalha para a construção de uma pátria melhor.

Dia 17 - Dia da Criança que trabalha – a criança não deve crescer na indolência. Cada criança deve ter um trabalho de acordo com a sua idade.

Dia 18 - Dia das Mães – dar filhos fortes à nação é a mais nobre missão de patriotismo da mulher (*Relatório Semana da Criança, 1931, s/p*).

Em São Paulo, a inauguração do evento foi solene e de grande visibilidade, pois ocorreu no Teatro Municipal. Estiveram presentes várias autoridades, sendo lida uma carta de Getúlio Vargas. Pérola conseguiu reunir alguns dos principais nomes da sociedade, da *intelligentzia* e da política brasileira do período – outra característica importante da sua administração –, destacando-se entre eles: Olívia Guedes Penteadó, Fernando de Azevedo, Dr. Almeida Jr, Gofredo da Silva Teles, Lourenço Filho, Dr. Borges Vieira, Dr. Numa de Oliveira, entre outros.

Durante a Semana, foram realizadas sessões cinematográficas, inaugurações, concurso de robustez infantil, curso de puericultura, feitas irradiações com palestras de médicos e educadores, audições, distribuições de donativos e brinquedos para crianças asiladas e hospitalizadas, exposições de trabalhos e diversas comemorações em escolas públicas e profissionais. Terminou, também em grande estilo, com um baile no Sa-

lão Ramos de Azevedo, no Clube Comercial.

A repercussão desta primeira Semana da Criança em 1931, o trabalho desenvolvido pela Cruzada na Revolução de 1932 e a campanha para levantamento de recursos em 1934, “Cruzada de S. Paulo pela Criança”, tiveram um papel fundamental na divulgação, credibilidade e consolidação da entidade.

Assim como a maioria das famílias das elites paulistas, os Byington participaram de forma ativa no movimento constitucionalista de 1932. Na Ata da Sessão Geral Ordinária de 13 de julho de 1932, Pérola tomou a palavra e explicou a finalidade daquela reunião: tendo “irrompido em S. Paulo um movimento em prol da constitucionalização do país, não poderia, a Cruzada, ficar inerte diante da sua magnitude. Era seu desejo que a cooperação da mesma fosse o mais eficiente possível”. A idéia foi acolhida pelas sócias “com o maior entusiasmo” e foi decidido que a atividade deveria ser semelhante àquela dos tempos normais, a proteção sanitária, médica, hospitalar, moral e material às crianças e gestantes, dando-se preferência às de famílias de combatentes.

Rapidamente a Cruzada organizou os trabalhos. Começou confeccionando ataduras e peças de roupas para os soldados, franqueou os serviços de assistência médica para as famílias dos combatentes no Dispensário Central, passando a cuidar de 18 Centros de Assistência Social e Propaganda Cívica instalados em diferentes bairros com o objetivo de atender às famílias dos combatentes e aos mais necessitados. Posteriormente, quando foi criado o Departamento de Assistência à

População Civil, sob a direção de Olívia Guedes Penteado, Pérola pediu a agregação da Cruzada ao novo órgão (*Dossiê Revolução de 1932, Relatório, 1932*).

Esses postos tinham por finalidade fazer ligação com outras entidades, dar assistência material e moral, fazer visitas domiciliares, prestar diferentes tipos de serviços como, por exemplo, de costura, arrecadar fundos, distribuir gêneros alimentícios, tecidos e medicamentos para as famílias dos soldados que estavam no *front*, fazer divulgação e propaganda. Enviavam objetos para os soldados, providenciavam atendimento a parturientes, distribuíam enxovais para bebês, vendiam distintivos, arrecadavam jóias para a campanha do ouro, confeccionavam fardamento para os combatentes, providenciavam a internação de pessoas com doenças contagiosas etc.

Durante a Revolução, a Cruzada inaugurou a Casa Maternal, projeto previsto desde o início das atividades da entidade.¹⁰ Esta destinava-se a acolher gestantes e mães, independentemente do vínculo matrimonial (casadas, solteiras, viúvas), que não tivessem condições de permanecer durante a gravidez e no pós-parto em suas casas, fosse por rejeição da família, ou por falta de condições e, eventualmente, as crianças cujas mães estivessem internadas.

Pérola foi uma defensora do amparo às gestantes e às mães, independentemente do vínculo matrimonial. O preconceito contra a maternidade fora do casamento era muito grande, e as mulheres nessa condição, freqüentemente, se viam desamparadas. A criação da Casa Maternal certamente gerou polêmica, pois, numa entrevista, Pérola afirmava que esse tipo de assistência não ampliaria “o

mal”, mas, a falta de amparo sim é que resultaria em problemas sociais e no aumento da mortalidade infantil. Vale ressaltar que não havia nenhuma outra instituição pública ou entidade religiosa, na cidade de São Paulo, que prestasse o mesmo serviço que a Casa Maternal. Somente em 1939 foi criado, por um grupo de médicos e religiosas católicas da ordem Franciscanas Missionárias de Maria, o Amparo Maternal e, em 1944, a Casa Maternal Leonor Mendes de Barros, pelo governo do Estado (MOTT, 2001).

Com o fim do movimento constitucionalista, a diretoria da Cruzada convocou uma reunião em 4/10/1932, para deliberar sobre a continuidade de trabalho nos Centros de Assistência Social.

[...] tais Centros, criados para atender às necessidades da população oriunda daquele movimento, deram tão bons resultados e de tal maneira se impôs como organização modelar e perfeita que não era óbvio que os mesmos se extinguissem. Antes, era mister que lhes fosse dado um caráter permanente. Consultadas as Diretoras presentes e discutidas as possibilidades da continuação dos mesmos, ficou deliberado que muitos continuariam por vontade expressa de sua diretoria, devendo as mesmas tomar, desde logo, as providências que fossem mister. *Ata, (4/10/1932)*.

Permaneceram sob a direção da Cruzada quatro postos – Braz – Mooca, Pinheiros, Brooklin e Penha – nos quais foram instalados dispensários com propostas semelhantes ao Dispensário Central.

A publicação do *Relatório dos Trabalhos Realizados pela Cruzada Pró-Infância*, referente ao período de 12 de agosto de 1930 a 3 de maio de 1933, revela uma entidade estruturada, em pleno funcionamento e expansão. Fartamente ilus-

trada, a brochura especifica os vários serviços prestados, atividades desenvolvidas, relação dos sócios e balanço. A entidade possuía cinco dispensários que prestavam diferentes serviços, possuía uma Cozinha Dietética, a Casa Maternal e a Escola da Saúde. Fazia educação sanitária e visitas domiciliares. No dispensário central, foram matriculadas 2.922 crianças, atendidos no serviço de Higiene Infantil 15.740 casos e distribuídos 195.845 frascos de leite. Levantou, em menos de três anos de funcionamento, uma soma de 182:081\$200.

O ano de 1933 pode ser apontado como um dos marcos do crescente reconhecimento público de Pérola Byington na assistência materno-infantil brasileira. Em setembro desse ano, foi realizada, no Rio de Janeiro, a “Conferência Nacional de Proteção à Infância”. A Cruzada participou com três representantes: Pérola Byington apresentou o trabalho de sua autoria “Educação sexual e sua importância”, Waldomiro de Oliveira, “O problema e a organização da assistência e proteção à infância” e F. Pompeu do Amaral, “Considerações em torno da educação física escolar no estado de São Paulo”. A atuação de Pérola no evento lhe valeu um voto de louvor dos organizadores (CONFERÊNCIA..., 1933) e uma homenagem na Cruzada (*Ata* 5/8/1933).

O ano de 1933 foi também o de crescimento do patrimônio da entidade, quando foi realizada a campanha “Cruzada de S. Paulo pela Criança”, que tinha por objetivo sanar um dos problemas enfrentados por outras entidades filantrópicas médico-sociais: o do aumento da demanda, dada a carência sofrida pela população, e a impossibilidade de aten-

dimento devido à falta de recursos, espaço, equipamentos etc. (*Relatório*, 1933).

Na reunião realizada em 13/9/1933, a diretora-geral informava que havia um assunto de alta relevância a ser debatido:

[...] a realização de um grande movimento a ser denominado – “Cruzada de S. Paulo pela Criança” – e que consta de três finalidades, todas elas convergindo para o benefício da Cruzada. A primeira, visando o objetivo financeiro, diz respeito ao levantamento de um patrimônio para a Cruzada, com um alvo a atingir de, pelo menos, 200.000\$000. A segunda refere-se ao aumento de seu quadro social para, no mínimo, 500 sócios. E a terceira, que assume o caráter educativo e que se destina a cumprir um dos itens de seus estatutos, “levantar a opinião pública em torno do problema da infância, para melhor combate aos males que a ameaçam”. [...] Para um movimento de tal ordem, expõe a Diretora-Geral, são necessários grandes esforços, todas as energias têm que ser requisitadas em benefício do ideal comum (*Ata*, 13/9/1933).

Se, com a mão direita, Pérola centralizava a administração da Cruzada, com a esquerda, sempre que achasse necessário, pedia ajuda, conselhos e recorria a especialistas de diferentes áreas para prestar serviços, profissional ou informalmente.¹¹ Para a campanha, foram contratados os serviços profissionais de K. Kassab para se dedicar integralmente à coordenação e organização dos trabalhos, devendo receber o ordenado de 2.000\$000 mensais, enquanto durasse a campanha, mais 5% sobre o alvo atingido. Para que o pagamento da mensalidade pedida não onerasse demasiadamente os cofres da Cruzada, Pérola propôs responsabilizar-se, “pessoal e particularmente, pelo pagamento de 1.000\$000 de seu próprio bolso, ficando o resto da mensalidade

(1.000\$000) e os 5% sobre o alvo atingido, por conta da campanha para que o ordenado não onerasse demais a Cruzada" (*Ata*, 13/9/1933).

A campanha mobilizou as sócias, que entraram em contato com os "elementos mais representativos do mundo financeiro para o levantamento de donativos". Foram impressos 25 mil circulares e cinco mil folhetos de propaganda, distribuídos à população pelos escoteiros em várias áreas da cidade. O alvo atingido foi de 510 sócios contribuintes e, para o patrimônio, a soma de 198:951\$500.¹²

Com cinco anos de funcionamento, a Cruzada conseguiu sede própria, na rua Brigadeiro Luiz Antônio, onde funciona até hoje. Pode-se dizer que, a partir dessa época, Pérola Byington e Cruzada Pró-Infância tornaram-se sinônimos. A diretora-geral passou a ser convidada para expressar sua opinião sobre diversos assuntos e convocada para participar das mais diferentes atividades públicas e privadas, tais como conselhos consultivos, congressos, conferências, projetos, entrevistas, bancas acadêmicas, inaugurações, festas, campanhas, formaturas e, até mesmo ser madrinha de batismo na Igreja Católica, apesar de ser protestante.¹³ Passou a receber prêmios, medalhas e títulos honoríficos pelo trabalho realizado junto à Cruzada. Em 1952, recebeu do presidente da República a Comenda da Ordem Nacional de Mérito; em 1957, foi escolhida "Mãe do Ano", por indicação popular, em concurso promovido pelos *Diários Associados*.

O compromisso de Pérola

O cotidiano de Pérola frente à Cruzada foi sempre de muito trabalho. Em 1957, uma reportagem informava que "todas as tardes, de segunda à sábado, das 14 até altas horas da noite", ela atendia o expediente (*A MÃE...*, 1957). Vale lembrar que essa rotina não se modificou até o final da vida, quando tinha mais de 80 anos idade.

De um lado, havia a busca contínua de recursos diante do crescimento da entidade, dos serviços prestados, da procura do público, o que a obrigava a uma peregrinação constante para pedir auxílio, junto ao poder público e à iniciativa privada, como também junto à sociedade em geral, tendo em vista os eventos sociais, tais como chás, festivais, bazares etc., serem uma fonte de recursos importante. De outro, havia a supervisão do trabalho administrativo, a organização e o planejamento dos serviços médico-sociais, a participação em eventos políticos, culturais e institucionais, a redação de trabalhos e de discursos e a solução de problemas diversos, como a folha de pagamento, os conflitos entre funcionários, entre outros (*LUTA...*, 1962).

Entre 1930-1963, o leque de atividades realizadas pela entidade incluía vários itens: educação sanitária, assistência médica, assistência social, educação infantil e a prestação de serviços especializados, considerados fundamentais para o cumprimento do projeto inicial de combate à mortalidade infantil. O público atendido era sobretudo infantil e feminino e, segundo Maria Antonieta de Castro, sem distinção de "nacionalidade,

raça, credo e cor”, sendo recebido tanto quem chegava “com jóias” ou “da favela” (*Relatório, 1963*). A maioria dos serviços, porém, era voltada para a população mais pobre. Este atendimento aberto a todos pode ser considerado um diferencial importante, na época, já que boa parte dos serviços de saúde prestados à população, por entidades filantrópicas ou de auxílio mútuo, era direcionada a determinado tipo de cliente, segundo a nacionalidade, religião ou grupo profissional, como, por exemplo, o Hospital Municipal e aqueles criados pelas caixas dos fundos de pensões, destinados apenas aos funcionários de determinadas categorias profissionais.¹⁴

A prevenção foi uma das principais metas da entidade. A educação sanitária esteve presente em praticamente todos os serviços realizados, tanto nas consultas médicas, quanto nas salas dos jardins de infância e creches, na cozinha dietética e nos cursos de puericultura. A instrução era feita individualmente ou em grupos, utilizando recursos modernos e eficientes. Destinava-se a dois tipos de público: aquele que utilizava com mais frequência os serviços da Cruzada e as mulheres das classes médias e das elites. Os cursos de puericultura oferecidos por ocasião da Semana da Criança e as revistas destinavam-se, sobretudo, a esse último.¹⁵

Duas propostas de educação sanitária, durante a administração de Pérola, merecem ser destacadas por levantarem questões até então pouco discutidas na sociedade brasileira: a prevenção de acidentes de trânsito e a campanha pela segurança no lar. Em 1938, a Cruzada passou a discutir a prevenção de acidentes de trânsito. Em 1939, foi realizado o I Congresso Nacional de Trânsito, no Rio

de Janeiro. Tendo sido convidada para participar, Pérola organizou uma reunião preliminar para discutir a questão com os principais interessados. Única mulher integrando a delegação oficial do Estado, apresentou o trabalho “Melhoria do tráfego e prevenção de acidentes” (1º CONGRESSO..., 1939).

A campanha de prevenção de acidentes domésticos foi lançada em 1950, durante a Semana da Criança. Inicialmente, foi feita uma pesquisa junto às crianças matriculadas nos grupos escolares e escolas particulares da capital no sentido de conhecer as causas dos acidentes ocorridos em casa. Foram distribuídos 100 mil questionários, destinados às mães, obtendo-se um retorno de cerca de 70% dos formulários. Os resultados foram publicados, como também foram elaborados impressos educativos sobre o tema (*Boletim Informativo, dezembro 1951*).

Por 11 anos, entre 1940 e 1951, funcionou na Cruzada um Lactário de Leite Humano, nome dado ao banco de leite, que pode ser considerado o primeiro do Brasil, visto o criado pelo Departamento Nacional da Criança, no Rio de Janeiro, ter como data inaugural, 1943 (ALMEIDA, 1999, p. 91-102). O Lactário tinha como objetivos a coleta e o fornecimento de leite materno para crianças pobres, cujas mães não as pudessem amamentar. As amas ou nutrizes eram submetidas a uma série de exames e pagas pelo leite, que era extraído mecanicamente, por aparelho cedido pela firma Byington e Cia. Pérola via no pagamento das nutrizes uma possibilidade de a mãe pobre poder sustentar o filho. Em 1943, foram extraídos 1.912 litros de leite de 31 nutrizes, e 125 crianças foram beneficiadas (*Relatório, 1940-1951*).

Quanto à assistência médica prestada pela entidade, esta data praticamente da sua fundação. Iniciou-se informalmente, através do serviço voluntário de alguns médicos que se dispunham a atender em seus consultórios ou no domicílio as pessoas encaminhadas pela entidade, expandindo e se especializando ao longo do tempo. Com a criação do Dispensário Central, em 1931, e no ano seguinte nos bairros Braz-Mooça, Brooklin, Penha e Pinheiros, a Cruzada passou a prestar um serviço fundamental para a população da capital, dada a carência de assistência médica gratuita. Vale lembrar que, nos anos 30, apenas se começava a pensar a saúde como dever do Estado. Portanto, a participação do poder público na assistência médico-hospitalar era muito pequena. Havia a Policlínica de São Paulo, mantida pela Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que fazia atendimento clínico pediátrico, a Clínica Pediátrica Amélia Camillis, junto ao Hospital Humberto Primo, a Clínica Pediátrica do Hospital Municipal, destinada aos filhos dos funcionários municipais, dois pavilhões da Santa Casa de Misericórdia (Fernandinho Simonsen e Condessa Penteadó), o Hospital da Criança de Indianópolis, mantido pela Cruz Vermelha e os postos de saúde do Estado que, então, começavam a ser criados (SÃO PAULO, 1929; DANTAS, 1937; MASCARENHAS, 1973).¹⁶

Nos dispensários da Cruzada foram estabelecidas clínicas de Higiene Infantil, Pré-natal e Escolar, Exame Médico Geral, Otorrinolaringologia, Sífilis e Moléstias Venéreas, Fisioterapia e Dentária, que faziam exame clínico, administravam, prescreviam, faziam tratamentos e encaminhavam pacientes para serviços clínicos e

cirúrgicos, em outras instituições, quando necessário.

Entre 1942 e 1945, funcionou na Cruzada um Berçário com capacidade de 20 leitos que se destinava a crianças doentes ou com problemas sérios de desnutrição.¹⁷ No final dos anos 50, a entidade assinou um convênio com o governo do Estado, no sentido de atender crianças com problemas de desidratação. O aumento da população na cidade de São Paulo e a falta de saneamento urbano e de tratamento de água e esgoto resultavam em um crescimento dos casos de diarreia, sobretudo no verão. O convênio foi feito na base de três milhões de cruzeiros anuais, para o sustento de 40 leitos (20 de reidratação e 20 de recuperação). Os pacientes recebiam antibiótico, soro, plasma e “tudo que fosse necessário” para a recuperação. O período de internação variava de 24 horas a 20 dias (*Relatório, 1958*).

A grande batalha de Pérola nos anos 50 foi a construção de um hospital infantil e maternidade, devido à falta de leitos na capital paulistana.¹⁸ Em 1951, depois de a Cruzada obter a doação de um terreno do governo do Estado, situado ao lado de sua sede, o hospital começou a ser construído. O projeto foi elaborado pelo arquiteto Rino Levi e planejado pelo especialista em construção hospitalar, Odair Pedroso. O levantamento de fundos nessa época foi intensificado para poder dar andamento à obra, mas nem sempre foi suficiente. A edificação passou por inúmeras crises devido à falta de dinheiro – chegando-se, inclusive, a cogitar, no meio da construção, a mudança da finalidade, passando-a para prédio de apartamentos (*BENDITAS...*, 1960). Em 1959, finalmente o hospital foi inaugurado, mas

apenas parcialmente, pois ainda faltavam recursos para equipá-lo e contratar pessoal especializado. Foi então iniciada uma nova série de campanhas junto à sociedade civil, tanto para levantar mais fundos, como para a obtenção de trabalho voluntário de enfermagem.¹⁹ Mesmo assim, foi necessário fazer um empréstimo da Caixa Econômica Federal para a finalização, além de realizar convênios com o governo do Estado para conseguir colocar os 14 andares em plena atividade.

No início dos anos 60, o hospital contava com cerca de 400 leitos gratuitos – 200 para tratamento infantil e 200 para atendimento às gestantes –, mais 30 leitos pagos destinados às gestantes e 15 à clientela infantil, para ajudar na manutenção. Era descrito como “uma grande e moderna unidade de atendimento à infância” (HOSPITAL..., 1959). Possuía maternidade, hospital infantil, banco de sangue, centro cirúrgico e ambulatório médico, com serviços e higiene pré-natal, infantil e pré-escolar, clínica geral, sífilis e dermatologia, otorrinolaringologia e plástica (especialmente para lábios leporinos), serviços técnicos auxiliares, raios X, fisioterapia, dietética, imunização, farmácia, laboratório, entre outros.

Entre os convênios realizados pela Cruzada nesse período, destaca-se o efetivado com o Departamento Estadual da Criança, para servir de apoio ao Serviço Obstétrico Domiciliar, criado para atender partos normais no próprio domicílio das parturientes. Em caso de complica-

ções e se houvesse a necessidade de algum tipo de intervenção que estivesse fora do alcance das parteiras, as parturientes eram enviadas para a Cruzada, que estava obrigada, pelo convênio, a disponibilizar uma parte dos leitos da maternidade.

Construir, equipar e manter um hospital e uma maternidade, com pessoal especializado e aparelhos modernos, exigiram um trabalho hercúleo da diretora-geral e de seus colaboradores. Numa reportagem, Pérola, já com mais de 80 anos, ao ser entrevistada, dizia ao jornalista: “Sabe quanto me vai custar essa brincadeira do novo salário mínimo? A folha mensal da Cruzada já chega a 10 milhões. E onde eu vou arranjar esse dinheiro?”. O déficit mensal do hospital em 1962 era de 50% sobre a receita (TROCADILHO..., 1962).

Para terminar, gostaria de ressaltar que o patrimônio adquirido e os compromissos assumidos pela entidade não comportavam o improvisado. Diletantismo, falta de compromisso e álibi para ter acesso à esfera pública são palavras que certamente não identificam a relação que Pérola Byington teve com a Cruzada Pró-Infância. Seu trabalho foi de dedicação exclusiva, profissional (embora não recebesse salário), com programa, metas, projetos de longo prazo. Acreditava que, através do serviço voluntário, do combate à mortalidade infantil, estava fazendo sua parte enquanto cidadã.

Abstract: The objective of this article is to analyze Pérola Byington's career as General Director of the Cruzada Pró-Infância [Pro-Infancy Crusade], an entity founded in Sao Paulo in 1930. It calls attention to the contribution that her biography renders towards the comprehension of themes which have not as yet been extensively explored by Brazilian historiography, such as: women's participation in philanthropic institutions and the role played by the latter in providing services to the poor urban population. Documents from the Cruzada Pró-Infância archives, referring to the period from 1930 to 1963, were the basic source of data.

Keywords: Pérola Byington; philanthropic activities; biography.

Notas

¹ Sobre filantropia ver: SCHELL, 1999; ABEL, 1998, p. 32-52; DEANE, 1996. Para esse trabalho foram particularmente importantes os textos de LINDEMAYER, 1993; DIEBOLT, 2001; COVAS, 1997; KOVEN; MICHEL, 1998. Sobre Pérola Byington ver: MOTT, 2001.

² No quadro de sócias colaboradoras da Cruzada estão relacionadas, entre outras: Alice Tibiriça, presidente da Associação de Assistência e Defesa da Leprosia; Alice Paes de Barros, provedora da Maternidade de São Paulo; Margarida Galvão, presidente do Asilo de Santa Terezinha do Menino Jesus; Hilda Rodrigues Alves, presidente do Instituto Padre Chico; Zélia Frias Street, presidente da Liga das Senhoras Católicas (Relatório, 1930).

³ Maria Antonieta de Castro nasceu em Itapetininga, interior de São Paulo, no final do século XIX, era católica e permaneceu solteira ao longo da vida. Foi professora primária, educadora sanitária, escritora infantil, presidente da Associação de Educadoras Sanitárias e pertenceu a entidades voltadas para o magistério. Desde a fundação da Cruzada, foi diretora-secretária. Depois da morte de Pérola Byington, assumiu a diretoria-geral (Dossiê Maria Antonieta de Castro).

⁴ Quanto à mortalidade infantil, o médico "sugeriu pesquisa sobre o mal que afetava os recém-nascidos em conjunto com o trabalho de educação sa-

nitária ministrado para as mães. Propunha ainda um extenso programa que compreendia creches, salas de aleitamento nos locais de trabalho e distribuição de leite e alimentos enriquecidos com vitaminas". (CAMPOS, 2002, p. 106). Vale lembrar que em 1945, ele foi diretor da Faculdade de Saúde Pública e representante do Brasil na ONU, onde apresentou proposta para a criação da OMS.

⁵ Tinha a duração de 12 meses (aulas teóricas e práticas), além de mais seis meses para exercícios práticos e previa o ensino de noções de bacteriologia, parasitologia e entomologia aplicada à higiene, estatística vital e de epidemiologia, nutrição e dietética, higiene infantil, higiene mental e do trabalho, higiene municipal e das habitações, educação e administração sanitária, enfermagem em saúde pública, entre outras. Sobre Paula Souza e as Educadoras Sanitárias, ver: CAMPOS, 2002; FARIA, 1999; VASCONCELLOS, 1995; CANDEIAS, 1984; MASCARENHAS, 1973).

⁶ Até o final da vida, a casa de Pérola serviu como ponto de apoio para a Cruzada Pró-Infância. Fazia reuniões, chás e jantares por motivos diversos com associadas e autoridades e, por décadas, mensalmente ela organizava uma tarde de *bridge* para levantar recursos. Em 1958, quando foi instalado o posto de reidratação num dos andares do hospital em construção, a seção de costura na casa de Pérola mais uma vez acolheu um serviço da Cruzada.

⁷ Pérola fez pelo menos três viagens durante as quais visitou entidades filantrópicas e órgãos do governo, em 1934, 1938 e 1945 (Atas, 1934, 1938, 1945).

⁸ No final de 1932, foi dada uma nova orientação à Escola da Saúde. Foram então criadas quatro classes para alfabetização de crianças “débeis”, que somavam 150 alunos, selecionados nos grupos escolares do Braz e da Mooca. Os alunos foram submetidos a um regime higiênico-dietético, de hidro e helioterapia. Enquanto a assistência médico-hospitalar ficou a cargo do Serviço de Higiene e Educação Escolar, a assistência econômica, como alimentos, medicamentos, óculos e roupas foi fornecida pela Cruzada. Alberto Byington e o Entrepasto Estrela forneceram o leite necessário. Em 1936, a Prefeitura Municipal, pela sua seção de Parques Infantis, incorporou o Parque D. Pedro, deixando a Cruzada de atuar neste campo (Um decênio em prol da Criança...).

⁹ Organizadoras: Hortência Pereira Barreto; Maria Antonieta de Castro, Olívia Guedes Penteado, Sofia Neves da Costa, Clotilde Kleiber, Zizi Moreira (Relatório Semana da Criança, 1931).

¹⁰ A Casa Maternal foi inaugurada em agosto de 1932. O edifício foi cedido e reformado por Yayá Ribeiro da Luz e várias mulheres fizeram doações em dinheiro e objetos (MOTT, 2001).

¹¹ Veja-se por exemplo: os estatutos de 1935 foram redigidos pelo jurista Azevedo Marques; a contabilidade foi feita, por anos seguidos, pela firma Mc Auliffe, Davis, Bell e Cia.; o laboratório esteve sob responsabilidade, durante certo tempo, da Dra. Carlota Pereira de Queirós; a psicóloga Bettina Katzenstein esteve à frente do serviço de Psicologia Infantil; a enfermeira Clarice Ferrarini, superintendente do Serviço de Enfermagem do Hospital das Clínicas, foi chamada para organizar a enfermagem do Hospital.

¹² Em 1929, a receita do dispensário Clemente Ferreira era de 102:993\$000; do Hospital de Caridade do Braz, 268:533\$470 e a da Santa Casa de Misericórdia 1.398:587\$400 (SÃO PAULO, 1929).

¹³ Entre 1940-41, foi convidada para participar da banca examinadora da Escola de Serviço Social (Car-

ta de Odila Cintra Ferreira, 17/02/1940; Carta de Helena Iracy Junqueira 19/11/1941); em 1943, foi convidada para falar sobre a participação do Brasil no conflito mundial (PRIMEIRO..., 1943); em 1943, três gêmeas permaneceram internadas no Berçário da Cruzada. Quando completaram três meses de idade, foram batizadas, e uma delas recebeu o nome de Pérola Aparecida, e Pérola Byington foi madrinha (TRÊS..., 1943).

¹⁴ Em 10 anos de funcionamento (1930-1940), a Cruzada matriculou 17.009 crianças, que foram atendidas 139.235 vezes, distribuiu 893.877 frascos de leite dietético; atendeu 5.374 gestantes, 24.893 vezes; pelos serviços passaram 36.265 pessoas, às quais foram distribuídos 1.569.391 auxílios (Um decênio em prol da Criança...). Segundo Wadsworth (1999, p.107), o Instituto Moncorvo Filho, entre 1921 e 1931, no Rio de Janeiro, atendeu 121.346 indivíduos, fez 684. 337 consultas e distribuiu 396.141 litros de leite.

¹⁵ Em 1933, foi publicada a revista, *Cruzada*. Em 1934, mudou de formato e nome, passando a se chamar *Infância*, teve 18 números e foi publicada até 1938.

¹⁶ Existem poucos estudos sobre a assistência médica em São Paulo. Infelizmente, os Anuários Estatísticos do Estado de São Paulo, fonte fundamental para levantar os hospitais em funcionamento, não foram publicados na década de 1930.

¹⁷ Em 1942, foram matriculadas 26 crianças, com um movimento de 1.004 leitos-dia; em 1943, foram matriculadas 40 crianças, 13 foram readmitidas e o movimento era de 6.692 leitos-dia, em 1944, 55 foram matriculadas, quatro readmitidas, 5.434 leitos-dia; em 1945, 75 matriculadas, 2.547 leitos-dia (Relatório, 1942-1945).

¹⁸ Para a falta de leitos em hospitais infantis e maternidades ver: PEDROSO, 1958 e vários artigos saídos na imprensa, como BENDITAS..., 1960.

¹⁹ O curso para voluntárias esteve sob a direção de Clarice Ferrarini, superintendente do Serviço de Enfermagem do Hospital das Clínicas e Dr. Mário Altenfelder (INÍCIO..., 1959).

Referências

- 1º CONGRESSO nacional de trânsito. *Journal do Comércio*, 6 maio 1939.
- 61 MIL gestantes sem leito exigem o equipamento da Cruzada Pró-Infância. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 14 abr. 1960.
- A MÃE do ano de 1957. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 12 maio 1957.
- ABEL, E. Valuing care: turn century conflicts between charity workers and women clients. *Journal of Women's History*, Indiana, v. 10, no. 3, p. 32-52, autumn 1998.
- ALGUÉM precisa de você: a mulher que queria brasileiros fortes. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 dez. 1968.
- ALMEIDA, João Aprigio Guerra de. *Amamentação: um híbrido natureza-cultura*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.
- BENDITAS mãos que doam ouro e pérolas à redenção da infância. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 4 maio 1960.
- BESSE, Susan Kent. *Modernizando a desigualdade: Reestruturando a ideologia de Gênero no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BYINGTON, M. E. B. *Mary Ellis MacIntyre*. 2001. Trabalho inédito.
- BYINGTON, M. E. B. *Pérola Ellis Byington. Uma vida a serviço do próximo*. Trabalho inédito.
- CAMPOS, Cristina. *São Paulo pela lente da higiene: as propostas de Geraldo de Paula Souza para a cidade (1925-1945)*. São Carlos: Rima, 2002.
- CANDEIAS, Nelly Martins Ferreira. Memória Histórica da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 18, p. 2-60, 1984. Número especial.
- CONFERÊNCIA nacional de proteção à infância. *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 set. 1933.
- CONSÓRCIO. *O 15 de Novembro*, 4 jul. 1901
- COVAS, Anne. *Maternité et droit des femmes en France (XIXe e XXe siècle)*. Paris: Antropos Historiques, 1997.
- CRUZ VERMELHA. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 jan. 1929.
- CRUZ VERMELHA. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 jan. 1921.
- CRUZ VERMELHA. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 jan. 1928.
- CRUZADA Pró-Infância. *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 mar. 1940.
- CRUZADA Pró-Infância. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 23 ago. 1934.
- DANTAS, M. *A outra face de São Paulo*. São Paulo: Tip. Siqueira, 1937.
- DEANE, T. Late nineteenth-century philanthropy: the case of Louisa twining. In: DIGBY, Anne; STEWART, John. *Gender, health and welfare*. London, Routledge, 1996. p. 122-142.
- DEL PICCHIA, Menotti. Saudades de uma Pérola. *A Gazeta*, São Paulo, 8 fev. 1964.
- DIEBOLT, Evelyne. *Les femmes dans l'action sanitaire, sociale e culturelle, 1901-2001: Les association face aux intitutions*. Paris: Femmes et Associations, 2001.
- FARIA, Lina Rodrigues de. O instituto de higiene: contribuição à história da ciência e da administração em saúde em São Paulo. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*.

va, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 175-208, 1999.

HAHNER, June. *Emancipating the female sex: the struggle for women's rights in Brazil (1850-1940)*. New York: Duke University Press, 1990.

HOSPITAL da Cruzada Pró-Infância precisa de um raio X. *Correio Paulistano*, São Paulo, 29 jun. 1959.

INÍCIO hoje: curso de voluntários do Hospital das Clínicas. *A Gazeta*, São Paulo, 8 jun. 1959.

KOVEN, Seth; MICHEL, Sonya. Womanly duties: the origins of Welfare States. In: SCHOEMAKER, Robert; VINCENT, Mary. *Gender and history in western europe*. London: Arnold, 1998. p. 319-346.

LINDENMEYR, Adele. Public life, private virtues: women in russian charity (1762-1914). *Signs*, Chicago, v. 18, n. 3, p. 562-591, Spring 1993.

LUTA com déficit de 50% o Hospital da Cruzada Pró-Infância. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 mar. 1962.

MASCARENHAS, Rodolpho dos Santos. História da saúde pública no Estado de São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 443-446, 1973.

MOTT, Maria Lucia. De educadora a médica: trajetória de uma médica metodista, *Revista Cogeime*, São Paulo, v. 15, p. 115-126, dez. 1999.

MOTT, Maria Lucia. Maternalismo, políticas públicas e benemerência (1930-1945). *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 16, p. 199-234, 2001.

PEDROSO, O. P. *Conceito atual de hospital infantil*. São Paulo, Associação de Hospitais de São Paulo, 1958.

PRIMEIRO aniversário do Brasil na guerra. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 ago. 1943.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *História sem fim: inventário da saúde pública em São Paulo (1880-1930)*. São Paulo, UNESP, 1993.

SÃO PAULO. *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1929.

SHELL, Patience A. An honorable avocation for ladies: the work of the Mexico city unión de damas católicas mexicanas. *Journal of Women's History*, Indiana, v. 10 n. 4, p. 78-99, winter 1999.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Les années folles à São Paulo*. Paris: L'Harmattan, 1997.

SEPULTADA Dona Pérola Byington. *Última Hora*, 11 nov. 1963.

TRÊS gêmeas batizadas hoje em cerimônia simples e comovente. *Diário de Notícias*, 6 fev. 1943.

TROCADILHO verdadeiro: a pérola das crianças em São Paulo. *Pulso*, Rio de Janeiro, 1962

VASCONCELLOS, Maria da Penha C. *Memórias da Saúde Pública: a fotografia como testemunha*. São Paulo: Hucitec; Abrasco, 1995.

WADSWORTH, J. E. Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. *Revista de História*, v. 19, n. 37, p. 103-124, 1999.

Fontes do Acervo Cruzada Pró-Infância

Documentação Cruzada Pró-Infância

Atas (1930-1964)

Boletim Informativo, n. 4, dez. 1951

Correspondência Expedida, 1963

Dossiê Maria Antonieta de Castro

Dossiê Pérola Byington

- Entrevista concedida por Pérola Byington - sem autor, sem local, sem data.
- BARRETO, Arnaldo. [Carta à D. Pérola McIntyre]. São Paulo. 21/03/1900.
- BYINGTON, Pérola [Carta a Isaac Newton Ellis]. Campinas, 26 jan. 1907?
- FERREIRA, Odila Cintra Ferreira. [Carta da diretora da Escola de Serviço Social à Pérola Byington]. São Paulo, 17 fev. 1940.

- JUNQUEIRA, Helena Iracy. [Carta da diretora da Escola de Serviço Social à Pérola Byington], São Paulo, 17 fev. 1941.

- MANNING, Elizabeth Byington. [Carta deixada por Elizabeth Byington Manning, Byington Genealogy]. Sem local, sem data.

Dossiê Revolução de 1932

Relatórios dos Trabalhos Realizados (1930-1964)

Dossiê Publicações Diversas

- Relatório dos trabalhos realizados de 12/8/1930 a 3/5/1933, 1933.
- Um decênio em prol da Criança e da Gestante pela Cruzada Pró-Infância, 1940.